

OS PADRÕES ESTÉTICOS FACE AOS PROCESSOS DE EXCLUSÃO SOCIAL

Felipe Muniz da Silva¹

¹Psicólogo, Especialista em psicologia social e psicologia clínica. E-mail: psi.felipemuniz@gmail.com.

RESUMO- A sociedade sempre esteve inclinada a um ideal de beleza de acordo com o contexto vigente, delineando um padrão a ser seguido por todos. O processo de sujeição aos padrões estéticos viabiliza uma série de ganhos na seara social, todavia, o corpo que não contempla o estereótipo acordado é a mercê da exclusão social. O objetivo do presente estudo é avaliar como os padrões estéticos atuam como mantenedores da exclusão social, valendo-se da metodologia de abordagem qualitativa, de método descritivo e de revisão bibliográfica narrativa. A necessidade de contemplar o tema, viabiliza a discussão em torno do quanto alguns fenômenos fabricados no meio social, como a estética, podem tornar-se um denominador de sofrimento para algumas pessoas que não se enquadram dentro de suas expectativas, isto é, que destoa da regra vigente. Como resultados obtidos, pode-se destacar que a beleza jovem e esqualida deve ser algo almejado por todos, como prevê a trama social, sendo toda beleza que se desprende ou desvia dessa linearidade implica-se em uma categorização social específica de exclusão. Além disso, o meio social desempenha a culpabilização individual pela não aquisição de um corpo perfeito, utilizando-se de mecanismos psicológicos de coação como forma de excluir ou limitar um indivíduo. Como conclusão dos dados obtidos, pode-se dizer que a constituição de um corpo perfeito e de uma sociedade que o cultua e violenta os insubmissos, engendram impactos diretos nas relações subjetivas, sociais, físicas, emocionais, psicológicas e existenciais de um sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Estética. Exclusão Social. Padrões Corporais.

ABSTRACT- Society has always been inclined towards an ideal of beauty according to the current context, outlining a pattern to be followed by all. The process of subjection to aesthetic standards makes possible a series of gains in the social field, however, the body that does not contemplate the agreed stereotype is at the mercy of social exclusion. The objective of the present study is to evaluate how aesthetic standards act as maintainers of social exclusion, using the qualitative approach methodology, descriptive method and narrative bibliographic review. The need to contemplate the theme, makes possible the discussion around the extent to which some phenomena manufactured in the social environment, such as aesthetics, can become a denominator of suffering for some people who do not fit within their expectations, that is, that is out of place the current rule. As results obtained, it can be emphasized that the young and squalid beauty must be something desired by all, as predicted by the social fabric, being that all beauty that detaches or deviates from this linearity implies a specific social categorization of exclusion. In addition, the social environment blames individuals for not acquiring a perfect body, using psychological mechanisms of coercion as a way to exclude or limit an individual. As a conclusion of the obtained data, it can be said that the constitution of a perfect body and a society that worship and violence the insubmissive, have direct impacts on the subjective, social, physical, emotional, psychological and existential relationships of a subject.

KEYWORDS: Aesthetics. Social Exclusion. Body Patterns

1 INTRODUÇÃO

Seres humanos sempre estiveram inclinado a uma beleza dos sonhos. Cada era descreveu o que seria sinônimo de belo e ditou como as pessoas deveriam se comportar para atingir tal utopia, e aqueles que não conseguiam eram subjugados à feiura (SANT'ANNA, 2014).

O trunfo da beleza elevou-se á uma condição de amor a si e a própria vida, fundamentando que embelezar-se é um dever de todos para se sentirem adequados, decentes e dignos de atenção (SANT'ANNA, 2014).

Não obstante, a contemporaneidade ainda é permeada por rígidos padrões estéticos, a qual prega que esta deve ser pensada como uma unidade vital e indissociável do sujeito e aqueles que não se comprometem o suficiente para atingi-la é desacreditado de sua participação no meio comunitário que vive (SANT'ANNA, 2014).

Diante do contexto exposto, tem-se a seguinte problematização: Como a estética, entendida como um fenômeno da sociedade, pode contribuir na manutenção dos processos de exclusão social?

Como hipótese, pode-se conceber que a construção de um padrão de corpo pode levar muitas pessoas que não o alcançam a um lugar desprovido de privilégios e interações sociais. Isto significa dizer que o corpo perfeito pode ser um fator que aproxima pessoas e privilégios, como uma maior facilidade de aquisição de empregos ou uma busca mais fácil por parceiros sexuais, por exemplo. Ter o corpo perfeito pode ser crivo para oportunidades, e na contramão, pessoas que não se veem nessa situação podem encontrar-se à margem da sociedade, destituídas de tais poderes e fortemente recriminadas pelo contexto social e científico que vivem.

A necessidade de contemplar o tema, viabiliza a discussão em torno do quanto alguns fenômenos fabricados no meio social, como a estética, podem tornar-se um denominador de sofrimento para algumas pessoas que não se enquadram dentro de suas expectativas, isto é, que destoa da regra vigente. Além disso, possibilita uma maior reflexão sobre como as reproduções de um corpo estético se entrelaça com a exclusão social, presentes nos discursos do meio comunitário e científico.

O objetivo geral do presente estudo é avaliar como os padrões estéticos atuam como mantenedores da exclusão social. E para operacionalizar o objetivo geral, têm-se os seguintes objetivos específicos: investigar os mecanismos de coerção social para regulação da exclusão por padrões estéticos; apontar os efeitos da exclusão social por padrões estéticos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CONSTRUÇÃO DE UM CORPO PERFEITO

Eleito como um produto social, cultural e histórico, o corpo estético sempre esteve atrelado a uma série de preceitos e ordenamentos localizados a partir do tempo, lugar e costumes vigentes, envolto em uma proposta de mutabilidade de suas formas e regulação de seu uso (PEREIRA, DOIMO, 2009; SCHUBERT, 2009).

A definição do que se considera como belo, é explorada por diferentes óticas de acordo com o entrelaçamento simbólico-comunicacional de determinada sociedade, referendando as preferências estéticas que aquela população entende como adequada e favorita (SCHUBERT, 2009). Em outras palavras, cada povo concebe, cultua e dissemina um conceito estético que mais lhe agrada, estabelecendo um padrão normativo a ser seguido (GAMA *et al.*, 2011). A concepção de beleza, portanto, é flutuante, mutável e fruto de seu meio.

A produção e venda de um corpo estético tem como embasamento o elo de múltiplas influências de dada construção social da realidade. Bourdieu (2001, *apud.* SANTOS *et al.*, 2019) ressalta que as estruturas sociais, perpassadas pelos sistemas educativos, econômicos e culturais, direcionam a visão estética de indivíduos, para que estes absorvam os seus ritos e reproduzam as suas normas, em uma tentativa de refletir as tendências socialmente presentes.

Davison e McCabe (2006 *apud.* CAMARGO *et al.*, 2011), corroboram que a imagem do corpo é constituída a partir de fatores históricos, sociais, culturais, biológicos e subjetivos, entrelaçados aos aspectos cognitivos e afetivos do sujeito. Isto significa dizer que a percepção do próprio reflexo envolve uma coletânea de fatores, sendo estes edificadas no meio social e perpassados no meio individual em um processo contínuo de trocas de informação.

O corpo estético vislumbrado em uma cultura local, modifica as relações de percepção e de comportamento individual de determinado sujeito, ao mesmo tempo em que contribui para a manutenção de um ideal coletivo de beleza, consoante à uma retroalimentação viciosa instituída pelos seus atores (SCHUBERT, 2009).

Araújo *et al.* (2019) aponta que o corpo se adapta ao meio em que vive, pois este responde a seu contexto existencial, denominando que há uma naturalização e familiaridade com um corpo habitual limitado a partir da localização histórica e geográfica da cultura. E com os adventos da era contemporânea e pós-moderna, há cada vez mais uma disseminação ampla e maior fluidez no que tange as transmutações do corpo estético.

A evidenciação do corpo considerado como belo, é promovida pelos meios de comunicação através de linguagens simbólicas que denotam uma mercantilização - ter o corpo da forma que deseja se adquirir mercadorias e serviços (SCHUBERT, 2009). A aceitabilidade do corpo na sociedade contemporânea portanto, influi sobre aquele que está páreo com as tendências de mercado, como propaga os veículos midiáticos (JATOBÁ, 2009).

O corpo pós-moderno denota um fluxo de constantes mudanças, pregando a ideia de que este pode ser moldado, reeducado e corrigido com bens, serviços e conhecimentos da atualidade (DOS SANTOS; GARCIA; DOS SANTOS, 2015). O produto das intervenções é um molde estético, esculpido pela medicina, educação física e a cosmetologia (DOS SANTOS; GARCIA; DOS SANTOS, 2015).

Desconstruído e reconstruído, a expectativa social prevê a constituição de um hiper corpo, ao qual seja a prova da passagem do tempo e do infortúnio da doença, operacionalizado a partir de intervenções que corrijam os seus defeitos e que o deixe o mais uniforme possível (SANTOS, *et al.*, 2019). Cabe ao indivíduo modificar seus valores e concepções singulares para se integrar a uma dita normalidade subjetiva, como espera o âmbito coletivo (SANTOS, *et al.*, 2019).

A ausência de curvas mais voluptuosas e o tônus muscular trincado, reverberam um entendimento de cuidado com a saúde, autodisciplina e domínio da mente sobre o corpo (CRUZ, 2019).

As representações que a sociedade estabelece como adequadas revelam como o sujeito deve ver, viver e sentir o próprio corpo, reverberando na forma como este pensa e se comporta (JODELET, 1994 *apud.* CAMARGO, *et al.*, 2011). O corpo estético é situado em uma construção simbólica, fabricado a partir de suas representações sociais.

Em um estudo, Camargo *et al.* (2011) constatou que as representações sociais em torno da beleza afetam o nível de exigência com a própria aparência, destacando a preocupação de como os indivíduos se apresentam (esteticamente) frente a outros sujeitos, sendo possível analisar como o público se percebeu insatisfeito com o próprio reflexo, recorrendo a medidas interventivas para alterar a aparência, sendo estas camufladas e difundidas enquanto práticas saudáveis.

O discurso em prol da melhoria da saúde intermediado por uma sucessão de hábitos e produtos considerados como saudáveis, pode se tornar a personificação para a valoração de um corpo magro, bem como para a depreciação do corpo obeso (DOS SANTOS, GARCIA, DOS SANTOS, 2015).

O bojo social contemporâneo remonta que o corpo “enxuto” deve ser uma meta a ser alcançada por todos, e que o corpo obeso deve ser rejeitado pelo coletivo, associando-o como um corpo doente (DOS SANTOS, GARCIA, DOS SANTOS, 2015). Ainda assim, paradoxalmente, conclui que a obesidade é um vetor de muitas doenças, mas abstrai-se de discutir de todas as complicações físico-psíquicas concernentes a magreza e aos corpos anabolizados (DOS SANTOS, GARCIA, DOS SANTOS, 2015).

Perdura-se um senso fantasioso ao conceber que o sinônimo de saúde seria corpos esqueléticos e anabolizados, e a doença seria advinda pelos corpos voluptuosos. Deixa perceber-se, por exemplo, que o processo de emagrecimento ou de tonificação muscular também pode gerar sérias complicações biopsicossociais, levando o indivíduo a um caminho de adoecimento em nome de um conceito de beleza defendido na seara social (DOS SANTOS, GARCIA, DOS SANTOS, 2015). Dos Santos, Garcia, Dos Santos (2015) complementam que “assistimos a uma sujeição contemporânea aos padrões corporais culturalmente impostos e socialmente construídos” (p. 764). O corpo contemporâneo apenas se delega a função de ser exposto, visto e representado como produto (FONTES, 2006).

Os apelos sociais ostensivamente propagado nas mídias, defendem a ideia do corpo esbelto como uma mercadoria acessível para concessão, ao mesmo tempo em que delineia a configuração de uma padronagem específica, operando mecanismos de controle e normatização da relação que o indivíduo possui com sua própria imagem (CARVALHO, 2018). Atua a partir de uma pedagogia que se inclina em despertar a cobiça por um tipo particular de beleza, atribuindo status para aqueles que se mantêm em sua zona de conveniência (CARVALHO, 2018).

As identidades corporais midiaticizadas repercutem à pressão por um corpo perfeito. A beleza esguia tornou-se sinônimo de “sucesso social”, “profissional” e “afetivo” (SHMDTT; OLIVEIRA; GALLAS, 2008), transpassando que a corporeidade padronizada é um trunfo de coação social. Em outras palavras, a estética domina as subjetividades humanas, a própria percepção corporal e compromete os valores de um indivíduo, julgando se este é digno de participação ou exclusão social.

2.2 EXCLUSÃO SOCIAL

Analisado a partir de uma ótica multifacetada e multidimensional, a exclusão social se estabelece como um fenômeno social de causalidades interligadas que denotam uma verdadeira ruptura de laços entre o sujeito e seu contexto socio comunitário, oportunizando a quebra na própria unidade social (RODRIGUES *et al.*, 2017). É dialético por ser parte construtiva da inclusão social, além disso, envolve dimensões políticas, materiais, relacionais e subjetivas, já que compreende o homem em referência a suas relações com o meio, corroborando um tipo de dinâmica social (SAWAIA, 2014).

A exclusão social fundamenta-se na polissemia das desigualdades, em sua retórica de oposição, ao constituir segmentos baseados em indivíduos que possuem atributos e propriedades para uma participação e pertencimento social integral, e indivíduos que não gozam dessas mesmas imunidades, ou seja, possuir uma seleta de particularidades assegura privilégios, como o senso de se sentir pertencido em determinados âmbitos da sociedade (RODRIGUES *et al.*, 2017). Resulta-se em uma desarticulação entre sujeito e sociedade (RODRIGUES *et al.*, 2017).

A exclusão estimula um tipo de organização social específica, seja esta convergida pela segregação - intermediada pelo afastamento interpessoal ou intergrupar; marginalização - manutenção de indivíduos à parte de um grupo social; e a discriminação - tratamento diferencial e negativo associado ao fechamento de certos recursos (JODELET, 2014).

Em seus desdobramentos de privação não-material, indivíduos se veem à margem da sociedade ao não apresentarem os elementos requeridos que esta institui em suas instâncias sócio-políticas e culturais (RODRIGUES *et al.*, 2017). São isolados e condenados à exclusão. E mesmo sendo um fator que acomete a essência subjetiva e individual, ainda sim, requer uma atenção aprofundada em seus constructos e agrupamentos simbólicos que denotam os crivos de pertencimento e exclusão social.

Lamarque (1995 *apud*. RODRIGUES *et al.*, 2017) afirma que há um sistema de coerção social global que se entrelaça com a exclusão de sujeitos pelo meio social, não podendo, portanto, ser esta reduzida a episódios individuais ou mesmo agregações simples de situações pontuais, vai além; uma vez que possui natureza cumulativa, adaptativa e persistente ao se reconstituir em outros modelos e ser transmitida de uma geração para outra, como um legado a ser reproduzido por seus atores (RODRIGUES *et al.*, 2017). A exclusão é parte das relações sociais e modifica-se de acordo com o contexto em que lhe é exposto.

As rupturas dos vínculos sociais provenientes do processo de exclusão representam as mais diversas formas, processos e categorias, na qual induz a uma manutenção de uma organização particular relacional, transmitida em suas convenções simbólicas (JODELET, 2014).

As proposições da exclusão simbólica, traduzem-se no corte de laços sociais, entendidas a partir da segregação, refutada pelo afastamento e conservação de um sujeito à parte de uma comunidade, marginalizando-o; e na discriminação, ao ter direitos, garantias ou recursos vilipendiados (JODELET, 2014). Explorando essa conjectura relacional, o sujeito que vivencia o processo de exclusão social está exposto à desintegração social - quebra de reciprocidade de vínculos; à desintegração do sistema de atividades - status e demais privilégios ligados; e finalmente à desintegração das relações sociais e familiares - o esfacelamento das ligações comunitárias e familiares (RODRIGUES *et al.*, 2017).

A psicologia social debruça-se em explorar as particularidades da exclusão social por oportunizar o aprofundamento no nível das interações de pessoas e seus grupos, que delas transmutam-se em agentes causadores ou vítimas (JODELET, 2014).

Compreender a dimensão das relações de exclusão edificada no bojo social, denotam analisar de que maneira sujeitos ou grupo de pessoas, alvos de uma distinção, são entendidos como uma categoria à parte e desprendida do inteiro de uma sociedade, como contesta a psicologia social (JODELET, 2014).

3 MATERIAL E MÉTODOS

Na elaboração da presente pesquisa utilizou-se da abordagem qualitativa, de método descritivo e de revisão bibliográfica narrativa, intermediada pelo estudo e análise de capítulos de livro, artigos, dissertações e demais publicações científicas recentes que versam sobre o tema abordado.

Minayo & Minayo-Gómez (2003) aborda que a pesquisa qualitativa trata de uma atividade científica, na qual objetiva-se a construção da realidade que não pode ser quantificada ou reduzida à operacionalização de variáveis, comumente utilizada para tratar de fenômenos sociais.

O estudo descritivo visa o levantamento, identificação, apontamentos e análises de características, variáveis ou especificidades relacionadas a um fenômeno ou processo

(LAKATOS; MARCONI, 2007). Por sua vez, a revisão bibliográfica narrativa designa-se em descrever e discutir, a partir de ponto de vista teórico e conceitual, o desenvolvimento de determinado assunto através da análise de literaturas publicadas arbitrariamente selecionadas pela percepção subjetiva do autor (ROTHER, 2007).

Diante do exposto, os critérios para embasamento dos estudos deram-se pela realização de um levantamento bibliográfico, optando por livros, artigos e dissertações publicadas. A coleta de dados foi realizada no dia 17 do mês de fevereiro no ano de 2020, sendo utilizada as seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foi definido como critério de inclusão: artigos e trabalhos de conclusão de pós-graduação *Latu Sensu* e *Stricto Sensu*, publicados em língua portuguesa, desde o ano 2000, dada a importância de versar com conhecimentos científicos relativamente recentes. Foram incluídos estudos que apresentassem relação e discussão entre os descritores: “Padrões Estéticos” e “Exclusão Social”.

Estudos que não satisfazem os critérios de inclusão supracitados, estudos repetidos contidos nas diferentes bases de dados ou não disponibilizados na íntegra, foram excluídos desta pesquisa.

A pesquisa bibliográfica, de acordo com a correlação dos descritores listados acima, resultou em um quantitativo de 1 tese 2 artigos científicos. Após a etapa inicial de busca, foi realizada uma triagem com vistas ao levantamento de estudos que não se encaixavam nos critérios de inclusão ou não tinham relação específica com o tema proposto, o que resultou na exclusão de 2 publicações. Portanto, foi excluída a tese devido a sua indisponibilidade na íntegra e um dos artigos por ser um estudo repetido. Sendo assim, a literatura encontrada para esta pesquisa foi o artigo intitulado de: “De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra” (NOVAES; VILHENA, 2003).

Vale ressaltar que todas as publicações encontradas foram retiradas somente da BVS, que através da leitura do título e análise do resumo, foi visto que se alinhavam com a proposta desta revisão bibliográfica narrativa. Não foram encontradas referências para a composição desta pesquisa na base de dados do SCIELO.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise psicológica, a exclusão expõe a coação social através da culpa, a qual dita suas regras e espera conformidade de todos que dela fazem parte (SAWAIA, 2014). Esquece, porém, que a essência de cada ser é complexa e por mais que o indivíduo almeje a subversão aos padrões vigentes, pode se defrontar com empecilhos biopsicossociais. Em resposta à desobediência, o meio social desempenha a culpabilização individual, valendo-se de mecanismos psicológicos de imposição como forma de excluir ou limitar um indivíduo, apontando-o como fraco (SAWAIA, 2014).

Partindo do ponto de vista da construção de um corpo perfeito como crivo decisivo para o pertencimento e exclusão social, indivíduos que não alcançam as normas impostas são vistos como insuficientes para participação coletiva. Dos Santos, Garcia e Dos Santos (2015) afirmam que pessoas que estão acima do peso, por exemplo, são frequentemente associados como pessoas moralmente fracas de natureza indisciplinada, que busca sua autodestruição. Este dado revela, como a sociedade associa valores morais a aparência estética de determinado indivíduo, pormenorizando-o e reprimindo-o de maneira tirana.

A relação de dominação estética atravessa os sujeitos em suas práticas sociais e na relação com o seu próprio corpo (NOVAES; VILHENA, 2003). O agenciamento de si traduz em uma responsabilidade individual sobre como se deve apresentar perante o coletivo social,

ao qual observa, vigia e analisa as próprias ações e comportamentos, na tentativa de manter-se “belo” de acordo com o prisma de pensamento de seu contexto (NOVAES; VILHENA, 2003).

Os padrões de beleza contemporâneos prescrevem a exclusão a partir da obesidade e da velhice (GAMA *et al.*, 2011). Legitimados pela ciência, a beleza jovem e esquelética deve ser algo almejado por todos, e toda beleza que se desprende ou desvia dessa linearidade padrão implica em uma categorização social específica (GAMA *et al.*, 2011).

As diversas partes do corpo passam a ser minuciosamente analisadas e vigiadas, no sentido de que devem se coadunar com as propostas vigentes pelo meio social. Traços que fogem do corpo liso, magro, sem asperezas são reprimidos, depreciados e rejeitados imediatamente pelas narrativas sociais (NOVAES; VILHENA, 2003)

Observar-se fora dos limites compulsórios da beleza padronizada contempla um tratamento diferenciado e exclusivo, já que seu corpo é tido como desprezível e desinteressante (GAMA *et al.*, 2011). O sentimento de pertencimento é partilhado para aqueles que endeusam a verdade absoluta do estereótipo da beleza, submetidos a uma sociedade de consumo, que delinea e reconhece a existência total de determinado sujeito, quando este deixa ser dominado por seus mecanismos de uniformidade (GAMA *et al.*, 2011).

O mercado estético firma a busca pela jovialidade e pela magreza, desdobrando-se em diversos procedimentos para preservar a sua imposição. De todo modo, desde à aplicação de cosméticos, dietas e academias até implantes e cirurgias plásticas, não só podem gerar altos custos financeiros, mas viabilizam o impacto direto na parte física e emocional dos indivíduos, posto que, a obtenção de emprego, escolha de parceiro sexual, tratamento simpático e amistoso e dentre outras tantas nuances só são possíveis se a estética corpórea estiver adequada (SHMDTT; OLIVEIRA; GALLAS, 2008).

Na atualidade, solicita-se identidades plásticas e dispostas ao consumo de um corpo específico, de modo que este ostente os últimos inventos e procedimentos da indústria da beleza, engendrando um prisma de pensamento em que o indivíduo tem seu valor reconhecido a partir das mercadorias que possui e esbanja, isto é, movimenta-se em prol de um sistema econômico e é gratificado pelo meio social que está inserido, acometido por um nexos simbólico de comunicação circular (SANTOS, *et al.*, 2019).

Assim, a sociedade movimenta-se em função de endear os corpos das academias e dos spas e em demonizar os corpos insubmissos a estética vigente (DOS SANTOS; GARCIA; DOS SANTOS, 2015). Constrói uma cultura mecânica voltada para a obediência e para o desprezo do reconhecimento da condição enquanto sujeito de subjetivo, existencial e complexo (PELEGRINI, 2004).

O corpo não só perpassa a individualidade subjetiva, torna-se também uma vitrine de um sistema social que gratifica com sentimentos de pertença aqueles que se submetem a sua lógica, e excluem aqueles que não contemplam o seu crivo austero (JATOBÁ, 2009). Toma os corpos como seus protótipos, concebendo-os e distinguindo-os como ideais e falhos (DOS SANTOS; GARCIA; DOS SANTOS, 2015).

A imagem externa do corpo, isto é, sua estética, é apontada como um mediador de status social, mostrando que quanto mais um indivíduo se submeter ao padrão vigente, seja seguindo ou adquirindo os últimos inventos de embelezamento, mais este seria recompensado no meio em que vive (JODELET *et al.*, 1982 *apud.* CAMARGO, *et al.*, 2011).

Os ditados padrões de referência estética consolidam que a percepção da autoimagem é modificada a partir das interações socioculturais, fazendo com que o indivíduo se perceba a partir de uma ótica presente na sua vivência social, ao mesmo tempo em que desperta o desejo de ter o seu corpo limitado ao que os outros consideram como belo (DOS SANTOS; GARCIA; DOS SANTOS, 2015), já que o corpo na cultura atual possui especificidades no modo como é percebido esteticamente (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 12).

A centralidade das relações sociais em torno da beleza, conseqüentemente, transformou o sujeito como um componente mercadológico, doutrinado a ostentar sua construção de uma autoimagem uniforme (SUENAGA *et al.*, 2012). Se adequar às normas estéticas e “ter um corpo que vende ou que gera admiração adequada aos padrões atuais é um dos elementos de maior significância para exigência atual” (GOLDENBERG, 2007 *apud*. CRUZ, 2019, p. 9).

Fundamentando o conceito de autoimagem, Jodelet (2014) revela que tendemos a desenvolver uma identidade referenciada a partir do grupo que estamos situados, isto é, se determinada estética é cultuada dentro de determinado agrupamento social, estamos inclinados a defender aquilo que o grupo preza e tem como valor. “A proteção do nós, incitaria, portanto, a diferenciar e, em seguida, a excluir aqueles que não estão nele” (JODELET, 2014, p.63).

Entretanto, o corpo ideal não diz respeito somente ao controle do peso e das medidas, revela também funções psicológicas e morais. A feiúra caracteriza, em um só tempo, uma ruptura estética e psíquica, da qual decorre a perda da autoestima. Vale lembrar que a dimensão ética é também rompida, pois deixar-se feia é interpretado como má conduta pessoal, podendo resultar na exclusão do grupo social. Portanto, mudar seu corpo é mudar sua vida, e as intervenções estéticas decorrentes desse processo traduzem-se em gratificações sociais. (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 30).

De um modo panorâmico, Fontes (2006) afirma que o corpo, sob a ótica da cultura, é atravessado por três regimentos: o corpo representado, delimitado a partir da visão e descrição de outrem; o corpo representante, sendo este ativo e agente contestador; e finalmente o corpo apresentador de si mesmo, submetido às relações culturais do efêmero. Perdura-se um ângulo interessado na modelagem e reconstrução instantânea, traduzindo que “este corpo é, em si mesmo, o próprio espetáculo” (p. 124).

Modelado como argila, o corpo passou por um processo de desintegração e desvalorização em cada momento histórico. Viu-se imobilizado por um ideal estético e aprisionado por suas medidas e hábitos, ao qual está vinculado a formas de sociabilidade que se engendram por uma instância reguladora do comportamento humano (NOVAES; VILHENA, 2003)

Desse modo, ser belo é ser submisso aos ordenamentos de uma cultura perversa que concebe essência pela aparência desde os primórdios da humanidade. Prescreve em suas tramas sociolinguísticas, sejam estas situadas em realidades sociais, temporais e geográficas, que o corpo belo é a personificação de poder social, desprendido de doenças, harmônico de se admirar e uma prova de amor a própria vida. A presente sociedade autodenomina-se contemporânea, mas ainda é obcecada por hábitos primitivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição de um corpo perfeito e de uma sociedade que o cultua e violenta os insubmissos, engendram impactos diretos nas relações subjetivas, sociais, físicas, emocionais, psicológicas e existenciais.

Falar sobre como a lógica da estética perversa impacta diretamente nas relações sociais e subjetivas dos sujeitos, viabiliza a tomada de consciência por parte destes atores, de modo a gerar mais discussões sobre a representação do corpo para a sociedade e como este pode livrar-se das amarras da beleza que o acompanha.

Elevar esta pauta a uma ampla discussão e quebrar o silêncio, tabus e ritos entornados desde a sua concepção, possibilitará o redirecionamento do pertencimento social, sentimento que deveria estar presente em toda a ontogênese do sujeito e que a sociedade insiste em negá-lo em prol de um exterior fabricado.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Flávia Maria *et al.* Obesidade: possibilidades de existir e práticas de cuidado. **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 249-260, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sausoc/2019.v28n2/249-260/>>. Acessado em 15 de fevereiro de 2020.
- CAMARGO, Brígido Vizeu *et al.* Representações sociais do corpo: estética e saúde. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 257-268, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751437021.pdf>>. Acessado em 2 de fevereiro de 2020.
- CARVALHO, Marina Moreira Antonucci de. Os impactos de padrões estéticos hegemônicos e modelos de feminilidade na subjetividade das mulheres. 2018. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12371>>. Acessado em 18 de fevereiro de 2020.
- CRUZ, Mayara Nascimento. Concepções sobre corpo na contemporaneidade: uma revisão narrativa. **Revista Científico**, v. 19, n. 39, p. 197-214, 2019. Disponível em: <<https://cientifico.emnuvens.com.br/cientifico/article/view/440>>. Acessado em: 30 de janeiro de 2020.
- PEREIRA, Deyliane Aparecida de Almeida; DOIMO, Leonice Aparecida. O discurso estético do corpo na mídia e na literatura: avaliação do autocuidado em mulheres adultas. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W_Pereira.pdf>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.
- DOS SANTOS, Manoel Antônio; GARCIA, Rosa Wanda Diez; DOS SANTOS, Marília Liotino. A sujeição aos padrões corporais culturalmente construídos em mulheres de baixa renda. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 10, n. 4, p. 761-774, 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/16117>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.
- FONTES, Malu. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Contemporânea**, v. 4, n. 1, 2006. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3482>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.
- GAMA, Júlia de Fátima Ribeiro *et al.* A Ditadura da Beleza: Conceito Estereotipado de Estética e os Níveis de Satisfação com a Imagem Corporal em Alunas do Instituto Federal Fluminense. **Revista Científica Linkania Master**, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://linkania.org/master/article/view/18>>. Acessado em 12 de março de 2020.
- JATOBÁ, Vitor. Relações entre mídia e Educação Física: a busca do corpo perfeito. **Revista Digital-Buenos Aires**, v. 14, 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/Relacao_Midia_Edf.pdf>. Acessado em 25 de janeiro de 2020.

JODELET, Denise. (2014). Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. 14º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, Cap. 3, p. 55-67

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 5. reimp. **São Paulo: Atlas**, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; MINAYO-GÓMEZ, Carlos. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. **O Clássico e o Novo**, p. 117, 2003. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/d5t55/pdf/goldenberg-9788575412510.pdf#page=117>>. Acessado em 20 de janeiro de 2020.

NOVAES, Joana V.; DE VILHENA, Junia. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/354/35401502.pdf>>. Acessado em 17 de fevereiro de 2020.

PELEGRINI, Thiago. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. **Revista Urutágua**, v. 8, 2004. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.pdf>. Acessado em 30 de janeiro de 2020.

RODRIGUES, Eduardo Vítor *et al.* A pobreza e a exclusão social: teorias conceitos e políticas sociais em Portugal. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 9, 2017. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/viewFile/2566/2351>>. Acessado em 29 de fevereiro de 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, June 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 30 de janeiro de 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Manoel Antônio dos *et al.* Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 239-252, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sausoc/2019.v28n3/239-252/>>. Acessado em 30 de janeiro de 2020.

SAWAIA, Bader. (2014). Introdução: exclusão ou inclusão perversa. In: _____ (Org.). **As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. 14º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, Introdução, p. 7-13.

SCHUBERT, Claudio. A construção do conceito estético Ocidental e sua implicação na formação valorativa e no processo educacional. In: **Divisão Temática Interfaces Comunicativas do X Congresso de Ciências**. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1303-1.pdf>>. Acessado em: 30 de janeiro de 2020.

SHMIDTT, Alexandra; OLIVEIRA, Claudete; GALLAS, Juliana Cristina. O mercado da beleza e suas consequências. **UNIVALI. Santa Catarina**, 2008. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Alexandra%20Shmidt%20e%20Claudete%20Oliveira.pdf>>. Acessado em 12 de fevereiro de 2020.

SUENAGA, Camila *et al.* Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética. **Universidade do vale do Itajaí-UNIVALI. Florianópolis**, 2012. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Camila%20Suenaga,%20Daiane%20Lisboa.pdf>>. Acessado em 30 de janeiro de 2020.